Antártida
Josiel Vieira
vitualbooks

ANTÁRTIDA

Josiel Vieira

Minha querida,

Que Deus a abençoe. Em minhas orações, sempre peço para Deus cuidar de você. Como estão as coisas?

Estamos a nove quilômetros da linha de frente. Bem longe, é verdade, mas daqui ainda dá para ver confortavelmente a nossa artilharia castigar a linha inimiga.

Apesar de sabermos que os putos são nossos inimigos, dá uma certa pena ao ver os disparos luminosos que caem do céu limpo e azul e frio acertando bem no alvo. Não deve ser nada agradável ser alvejado dessa maneira, como se fossem formigas e sobre eles houvesse uma lupa gigante com seu foco de luz mortal. Há entre a gente quem diga que não é propriamente pena, mas um medo de que talvez a mesma coisa aconteça conosco; afinal agora quem leva a pior são eles, outra vez somos nós. E por isso os rapazes tentam levar o dia-a-dia pensando em outras coisas.

Olho ao redor. Uma coisa que nunca dá para esquecer é como é frio. Não há muita coisa para se usar numa fogueira por aqui. Não existe combustível e muito menos madeira. Só um deserto branco e um céu muito azul. Eu diria azul-cobalto. Alguns rapazes, num canto da trincheira escavada na neve, acenderam uma fogueira com os restos de algum material plástico e estão tentando assar um pingüim. É uma droga, pois o calor logo derrete o gelo e ensopa todo o fundo da trincheira. E sem contar que o coitado do bicho sempre fica com gosto de pneu queimado. Mas ninguém agüenta mais comer carne crua, e assim pingüim assado em plástico queimado se torna um alimento muito cobiçado.

Graças aos céus, é verão. O Sol cintila em minhas medalhas. Ainda assim, os rapazes sofrem com o frio; vestem apenas farrapos escurecidos. E eles sofrem ainda mais com o câncer de pele provocado pelos raios ultravioleta. Passamos muita necessidade aqui, meu amor; ainda bem que Deus sempre dá um jeito de nos ajudar. O inimigo também sofre de fome e frio. Tanto eles quanto nós temos grandes dificuldades de reabastecimento, uma vez que quem está em guerra aqui são países vizinhos continentais, os comboios com suprimentos- tanto os nossos quanto os deles - são atacados de maneira impiedosa ao longo de toda a rota pelo oceano. Navios são afundados e aviões cargueiros são abatidos, levando para o fundo do mar milhares de toneladas de combustível, munição, rações alimentares, baterias, remédios e uniformes acolchoados; Isso nos reduz a um estado primitivo. Muitas vezes os combates se dão com porretes, baionetas e pás. E com o estômago sempre faminto.

Espero que a guerra termine antes de chegar o inverno. Eu já lhe contei, amor, sobre o inverno passado aqui. O mundo era um caixão de gelo sem luz. Tivemos muitas baixas nesse período. Além do frio inacreditável, o inimigo lançou várias ofensivas. Usaram aqueles seus monstruosos robôs negros; nós revidamos com nossos tanques pesados e aviação, foi horrível. Disso tudo ficou o silêncio dos que se foram e a medalha da Ordem da Estrela Polar que os poucos sobreviventes iguais a mim carregam no peito. Agora paira uma relativa calmaria, às vezes passam dias sem que aconteça nada demais. Alguns dos rapazes até tentam jogar futebol sobre o gelo. A nossa artilharia que fulmina o inimigo vem de cima da estratosfera. É uma sorte que nesta guerra somente nós possuamos satélites em órbita capazes disto. Eu vejo um silencioso e descomunal raio iridescente acertar as planícies de gelo ao longe. Logo ouço estrondos surdos. Uma pequena coluna de fumaça negra se levanta, lenta, maculando o céu de intenso azul. Imagino o quanto de gente deve ter morrido com este disparo e o quanto vai morrer quando o satélite disparar novamente. E lá está ela de novo, a régua de luz que sai de uma altura inconcebível para chacinar o inimigo. Agora é uma dúzia delas, cada qual de uma cor, que varre a linha inimiga de forma perversa. Não há como

escapar. É uma pena. Que Deus os ajude..

Que frio! O toco do meu lápis está quase congelando. Não há quase nenhum recurso de comunicação aqui, querida. Tanto porque os computadores não têm energia quanto porque a interferência gerada pela guerra de contra-medidas eletrônicas de ambos os lados torna impossível a comunicação com o resto do mundo. As únicas formas de comunicação, ao menos para os soldados, são a escrita em papel e a oração. Oração... muitos são os que oram, e poucos os que sabem escrever, mesmo a maioria tendo se formado na escola. Aqui luta uma geração inteira de jovens analfabetos com um diploma debaixo do braço e as mãos sempre juntas em oração, que é o que lhes resta a fazer. Dezenas de milhões de jovens formados na escola e que não sabem escrever o nome, mas que ainda assim se esforçam em sobreviver em meio à gelada em que se meteram. Eu tive sorte em ter um pai que gostava de livros. Ele morreu quando as gangues explodiram o prédio em que trabalhava. Mas você já conhece essa história, meu amor, e de como a morte dele me fez buscar consolo em Deus e das minhas orações pelo espírito ateu dele. Oração, oração... a única forma de comunicação sem fio que funciona. Oro por você, querida. Mas sei que você não liga a mínima por mim ou por minhas orações, não é mesmo? De muitas maneiras você se parece com meu pai e, mais ainda, com o Pai: vocês sempre ignoraram minhas súplicas e, num retrospecto, tenha sido melhor assim.

Tirando alguns tipos de armas modernas a nos lembrar que no fim das contas esta é uma época moderna, parece que a gente está vivendo num século perdido. Ou a gente está vivenciando um século perdido, o que é muito pior... cá estou eu novamente a me perder em pensamentos... e um dos motivos pelos quais eu vim para cá, amor, além de esquecê-la, é justamente não me perder nunca mais no deserto branco da abstração. Irônico, não? E este é apenas um dos motivos, e não o principal. Eu penso nisto e sinto fome. Mais tarde vou ver se alguém matou uma foca, pois adoro comer o fígado cru destes bichos. Vejo meus companheiros tremendo de frio, enrolados num canto da trincheira. Vejo esses caras tremendo, praguejando com seu sotaque característico. Eles vieram das regiões mais quentes do meu país e são os que mais sofrem com todo este gelo, aliás; tem uma divisão inteira que veio do estado ao norte cuja base de lançamentos de foguetes foi cedida pelo governo aos asiáticos em troca da transferência de tecnologia militar para satélites. E é por isto que o nosso lado possui essa constelação de satélite militar que devasta o lado inimigo. Mas o inimigo também tem suas próprias armas secretas que nos explodem, desintegram, esmagam, de maneira que na prática dá um empate mortal entre a capacidade do inimigo e a nossa. Parece que ninguém será dono do petróleo que tem debaixo de todo este gelo. Outrora pareceria estranho que tanta riqueza fosse disputada por dois países medíocres, subdesenvolvidos, governados por palermas que, unicamente por serem próximos deste continente gelado, querem a todo custo ter a preponderância sobre esta terra que, de resto, não deveria ter dono. Mas a lógica disto está no fato que ainda estão frescas na memória das populações dos países ricos as incursões desastrosas que fizeram no Oriente Médio para combater o terrorismo. Estava claro que, depois de expirar o acordo internacional, haveria guerra pelos recursos daqui, e em especial pelo petróleo. Só que os governos das nações ricas não querem a imprensa furiosa e nem a rejeição do eleitorado. Por isto, acharam por bem atiçar o orgulho nacional de países pobres e insignificantes para que lutassem e que se matassem sobre o gelo. Não importa muito quem vencer esta merda de "blitzfreeze". Logo a indústria virá para extrair o último suspiro negro de dentro do gelo. As perfuratrizes penetrarão em blocos de gelo cheios de cadáveres de soldados. Talvez eles estejam esperando sua vez de virar petróleo. Quem sabe se quando o pobre analfabeto que lutou até morrer virar gasolina e poluir o ar, alguém, além de Deus,se importe com ele.

Assim infelizmente é a vida tal como as pessoas a fizeram, e por escolha própria, meu amor; um mar de infelicidade que tenta tragar as últimas ilhas dos momentos felizes que de vez em quando temos. E só. Onde estão nossos momentos, meu amor? Por que somente sagrado é o coração do salvador, e não o nosso?

Petróleo sob o gelo, preto sobre branco, contraste. E o cinza que resulta da anulação do contraste, e da percepção que vem à tona, de que mesmo neste lugar inóspito a gente aprende a

viver e a chamar de "lar". Como que a provar isto vejo o grupo de rapazes na retaguarda está tentando jogar bola sobre o gelo; há muitos tombos e risadas. Parecem um desajeitado bando de ursos, pois usam vários casacos escuros e jaquetas, evidentemente toda esta roupa está velha e gasta. E da percepção disto brota a lembrança de outro lugar inóspito que aprendi a chamar de "lar": é a cidade cinzenta de onde vim, a minha querida e poluída cidade cinza. Cinza de poluição, cinza de contrastes que se fundem, os quais me lembro, e com a lembrança vem a saudade... e eu suspiro disto. Suspiro de saudade por aquela minha querida cidade e por seus filhos da mãe.

Aqui eu sinto um aperto na garganta e jogo um punhado de neve com irritação para fora da trincheira. Em que buraco eu vim me enfiar? O Sol faz minhas medalhas cintilarem como diamantes. Quase que me arrependo desta minha estupidez. As lembranças me vêm frescas à mente, terrivelmente frescas como este ar puro e gelado. Elas vêm na forma de imagens soltas, e muito vivas.

O Sol sobre todo aquele cinza tal uma flor amarela brotando de alguma fissura numa calçada antiga. Um brechó. E, ao lado dele, uma loja que vende móveis de madeira antigos. A rua é estreita, mas tem um trânsito intenso. Ela tem muitas ladeiras. Trânsito intenso, o ar tremula acima do asfalto negro, ônibus buzinam. E no entanto, há uma tranqüilidade na rua, em suas calçadas estreitas, nas ladeiras tortuosas, no muro caiado e com infiltrações escuras do seu cemitério, em seu brechó e em sua loja de móveis antigos. Há também uma biblioteca pública mais adiante, depois da avenida, e um café muito aconchegante deste lado da calçada.

Foi na biblioteca que eu lhe encontrei pela primeira vez, meu amor. Você estava procurando um livro de prosa de um conhecido escritor de nosso país vizinho que na época nem era ainda nosso inimigo. Eu lhe indiquei a prateleira onde este autor talvez pudesse estar. Fiquei lendo os jornais e as revistas da semana; depois fui casualmente numa prateleira e casualmente puxei um livro sobre religião indiana. Gostei da capa, em tons cinzentos e com uma entidade com muitos braços e cabeças. Peguei o livro emprestado, desci as escadas, antes entrei no banheiro da biblioteca, passei água da pia em abundância no rosto por causa do calor, contemplei-me longamente na frente do espelho e por um instante achei que aquele rosto não era o meu. Saí da biblioteca, atravessei a avenida, xinguei os carros que atravessaram o sinal vermelho. Estava realmente quente. Vi a nuvem de poluição cor de ferrugem, perguntei onde aquela história de poluição e gasolina em crise iria parar, e desejei ir para um lugar de ar puro e temperatura amena - e agora, imerso em neve e em guerra e em desespero e em saudade gelada como neve, como guerra, como desespero, acho que tenho alguma resposta àquela torrente de ironias. Livro embaixo do braço, senti um desejo estranho de beber café expresso, malgrado todo o calor. Entrei no café, e para surpresa minha, você estava lá, meu amor! E foi nesta segunda vez que lhe vi que senti um impulso de lhe amar para sempre. Cheguei perto de você, sorrindo. Você também riu sincera de surpresa; provavelmente achou que nunca mais em sua vida me veria novamente, pois assim são as coisas nesta cidade inóspita como um continente polar onde as pessoas tentam se dar as mãos para agüentarem as nevascas. Conversamos longamente então, você me falou com paixão de sua admiração por aquele autor estrangeiro, e para minha admiração você o estava lendo no seu idioma original, e citava trechos na língua dele, que eu não entendia patavinas, mas você fazia essas citações com tanta emoção na voz e com um olhar com tanto sentimento, que eu me emocionei também, me emocionei pela sua entrega aos seus sentimentos, me emocionei pela luz trêmula em seus olhos perdidos num estado misterioso, em que disse que poderia viver ou morrer por aquele país estrangeiro que gerou um poeta que lhe arrebatava os sentidos desta maneira . E quando eu dei por mim, já estava fazendo carinho em seus cabelos, achando bonito o seu jeito, e achando que era por você que eu poderia viver ou morrer. Saímos andando bem perto um do outro. Entramos no brechó e você comprou um estranho cachecol, que a fez parecer uma mulher dos anos vinte do século passado. Você perguntou o que eu achei e eu falei que estava calor demais para usar cachecol, e por alguma razão desconhecida isto lhe fez rir muito, e dizer que nós tínhamos que ir imediatamente procurar um lugar gelado somente para você poder usar este cachecol - e aqui vemos mais uma carícia desta coisa chamada ironia! Fomos então à loja que vendia móveis antigos. Eu vi um abajur que achei bonito. Você comprou para mim. Saímos então os dois, eu com um abajur embaixo do braço e você com este cachecol; você à procura de uma terra gelada para

amar e eu querendo - sempre querendo - algo para me iluminar e guiar. Olhei o sol; já estávamos no fim da tarde. Passamos perto do cemitério; onde você olhou para mim e piscou o olho: "Aposto que a noite lá dentro é bem fria". Entendi o que você quis dizer, mas senti um certo receio no que pretendia. Mas este receio se desfez quando você pegou na minha mão, e sorrindo disse um eufórico "vamos lá!" e me levou em direção ao muro branco. E o portão nos engoliu. Não era ainda propriamente noite, mas já uma escuridão intimidadora tomava conta de todo o lugar, em parte devido à infinidade de árvores cuja folhagem se entrelaçava numa floresta sem começo ou fim. Lembro-me como você se sentou sobre a laje de uma sepultura antiga, e ficou olhando para o nada. E depois, sem mais nem menos, balbuciou outro trecho daquele seu autor predileto,como a recitar para si mesma, tendo o olhar perdido em algum lugar nas veredas entre os túmulos; olhar perdido e no entanto, tão certo... eu fingia olhar uma cruz gótica, mas lhe olhava de soslaio... seu rosto impossível, de sonhos impossíveis e distantes, parecia não se contentar com pouco; eu já lhe adivinhava então, naquele anoitecer, o seu coração indomável, ávido por conhecer outros ares... um coração para o qual tudo o que tinha visto era insuficiente e já estava morto tal qual aquele cemitério. Um coração que ansiava por mudanças. Por se mudar. Já no primeiro beijo que lhe dei senti o gosto da despedida, e não de qualquer despedida, mas daquela que se sabe dolorosa ao extremo, onde um sorri dando adeus e o outro chora com os braços estendidos para o nada.
Deus do céu, por que criaste o amor tão capaz de fazer mal

Braços que abraçam o nada. Assim foi a nossa tênue relação, meu amor,sempre um difícil limiar, um estreito caminhar se equilibrando na lâmina necessária da separação, que não tardou a vir com a chegada da guerra. Gostaria que o adeus não tivesse sido tão infantil! lembro-me que estávamos no bar, quando casualmente na televisão o noticiário trazia notícias, cada vez mais sinistras sobre a deterioração das relações binacionais. No bar os rapazes começaram a fazer troça com os nossos futuros inimigos. Eram as piadinhas de sempre que sempre falavam as mesmas coisas: que os caras que nasceram no país vizinho eram um bando de viados filhos da puta metidos a besta e pernas de pau. Todo mundo ria, inclusive eu, que comecei também a contar piadinhas troçando do tamanho do pau desses infelizes. No mais, o que podíamos fazer? Além disso, os rapazes do outro lado da fronteira com certeza também estavam àquela hora em seus bares troçando de nós também - provavelmente em suas piadas a gente apareceria como uma nação de marginais e prostitutas. Eram piadas, e nada mais, meu amor; antes as guerras permanecessem nesse nível, com as duas partes rindo uma da outra e bebendo cerveja. Mas você ouvia tudo sombriamente, calada, como se tudo aquilo lhe ferisse muito. Eu nunca lhe entendi, meu amor, e creio agora que era em momentos como este que a minha ignorância se revelava. O que se passava então com você? Você sentia ódio pela iminência da guerra? Sentia ódio pelo nacionalismo barato da turma lá do bar? Sentia ódio pela gente estar ofendendo o país do seu precioso escritor predileto? E sentia ódio por mim por eu não ser diferente dos outros grosseirões que estavam adorando essa oportunidade de dar uma surra nos babacas do outro lado da fronteira? Que estavam ansiosos por explodí-los antes da próxima copa do mundo? Bem, eu nunca saberia a verdade, meu amor, pois pouco tempo depois você fugiu sem avisar ninguém para a merda do país vizinho e lá adotou a cidadania deles. Em muitos sentidos, você se tornou a minha inimiga, e somente o consolo de Deus para livrar minha cabeça do inferno em que o interior dela se converte, como num forno de fogo gelado.

Você adotou a cidadania estrangeira, e eu me alistei furioso. Logo surgiram chances de despejar minha fúria sobre o inimigo. Aqui nesse ambiente sem lei e sem calor a morte adquire estranhos caprichos. Matar acaba sendo um estilo, onde cada um acaba desenvolvendo sua assinatura própria. Alguns dos rapazes das regiões quentes gostam de estripar e arrancar as bolas dos inimigos com facões afiados como o diabo; outros gostam de lhes estourar o rosto com fuzis de longo alcance. Uns adoram brincar de explodir o inimigo com granadas ou com bazucas, outros adoram desintegrá-los com metralhadoras "minigun" de alta velocidade, outros ainda gostam de tostá-los com lança-chamas, e assim por diante. Eu, por minha vez, gosto de esmagar-lhes o crânio com um porrete, como na Idade da Pedra; no começo eu ainda gostava de imaginar o quanto todo esse meu mundo brutal se chocava com sua maneira refinada de ser, meu amor. Por um tempo eu até cheguei a me sentir melhor aqui do que em sua companhia, afinal eram dois lugares gelados por

razões diferentes. Mas depois pairou sobre mim uma invencível indiferença. Afinal, nada do que destruí aqui - pessoas, veículos, minha dignidade - serviu para lhe afetar por minimamente que seja, e esse meu desejo infantil de lhe chocar caso você saiba do que ando fazendo por aqui, e o que no início eu fazia aqui era destruir as coisas que lhe eram caras - bem, é um desejo infantil demais para ser sustentado por muito tempo. Às vezes, nos nossos ataques às trincheiras inimigas, eu encontro entre os destroços alguns livros. A visão de um livro escrito nessa língua imbecil acaba por desencadear de maneira insuportável a saudade que sinto por você, meu amor. E que Deus me perdoe pelo que tento fazer.

Enfim, meu amor, é hora de eu revelar meu último segredo. Revelação inútil, já que você nunca saberá, por estar tão distante de mim. Eu sempre me ofereço como voluntário nos ataques mais perigosos, nas ocasiões de maior risco. E a razão disto não é que eu seja corajoso. A razão disto é simplesmente que eu quero morrer.

É simples, mas no fundo não é tão simples assim. Eu não posso simplesmente me matar - o que seria o caminho mais rápido para o que eu desejo. A minha religião proíbe expressamente o suicídio, e eu fico sem saber até que ponto eu não me mato por respeito à religião e até que ponto eu não faço isto por medo puro e simples. Mas, de qualquer maneira, quando eu saio numa missão é sempre como se fosse a última vez. Não tomo nenhuma precaução para evitar o fogo inimigo. Muitas vezes eu corro pela planície coberta de gelo com os olhos fechados, e quando os abro, verifico que meus companheiros que avançavam com tanto cuidado jazem mortos, explodidos, furados, esmagados. Duma feita, avançando loucamente, eu consegui chegar embaixo de um daqueles gigantescos robôs negros inimigos de ataque. .Eu disparei meu lança-foguetes quase à queima roupa. O monstro atingido desabou como um prédio. Eu ainda tentei ficar na trajetória de sua queda para morrer, mas fiquei incólume, sem um arranhão. E, em vez de uma cova, eu ganhei a medalha da Ordem da Estrela Polar. Os outros que participaram daquela missão foram mais felizes.

Fico pensando, querida... *"hoje"*, o que diríamos um para o outro? Conseguiríamos quebrar o gelo? Ah! Estão reunindo os homens para uma patrulha. Lá vou eu de novo. Daqui a pouco eu volto para continuar a conversar com você através desta carta que você nunca receberá, meu amor. até daqui a pouco.
....

Meu querido,

Às vezes quedo-me a pensar onde você está. Sei que nunca me perdoará por eu ter fugido para este país. Espero que a guerra não esteja sendo muito ruim com você e seus amigos e familiares; espero sinceramente que esteja bem e com saúde no continente. Acabo de ver na televisão imagens de soldados mortos no meio do gelo; tinha um com várias folhas de papel nas mãos. Querido, por favor: eu sei que você tem todos os motivos do mundo para me odiar, mas me prometa que não irá se alistar e, caso seja obrigado a isto, fuja!

Gostaria muito que você tivesse entendido meu gesto e tivesse fugido comigo. Mas nem sempre as coisas são como a gente quer, não é mesmo? A verdade por vezes se assemelha a um iceberg, em que só uma pequena parte é visível ou se deixa ver. Mas a parte mais profunda e maior da verdade se mantém submersa, e são poucos os que têm coragem de mergulhar na frieza para constatá-la. Por favor, amor, tenha esta coragem! Mergulhe nas minhas motivações para saber o quanto eu te amo! Às vezes, amor, o orgulho e o ressentimento distorcem o mundo de tal maneira como se ele tivesse sob uma nevasca. Amor, derreta este gelo que se criou em seu coração! Eu certamente não sou grande coisa, mas decerto não sou tão ruim quanto a imagem miserável que você criou de mim. Amor, sim, eu gosto de outra língua, de outro país, de um autor estrangeiro. Será que o meu crime é tão grave assim a ponto de merecer um julgamento tão severo? Não me arrependo nenhum pouco de minha fuga. Às vezes a fuga demanda mais coragem do que matar ou

morrer.

Estou escrevendo para o endereço da casa de sua mãe, já que as cartas que escrevi para o teu endereço não foram respondidas. Às vezes eu pedi a Deus para me responder o porquê disto, mas no íntimo eu já tinha a resposta em meu coração. Assim sendo, só gostaria que você fosse feliz. Onde estiver, o calor do meu amor estará também. Seja feliz!

....

fim

14/10/2007 / escrito por Josiel Vieira de Araújo